



LEITURA • ESCRITA • RECURSOS

DESENVOLVER

Como se formam as palavras?

Autoria: Alina Villalva

O léxico das línguas naturais é uma entidade dinâmica, que pode sempre receber novas unidades. Há várias maneiras de juntar novas palavras ao conjunto das palavras já atestadas. Uma dessas maneiras consiste em produzir novas combinações a partir dos constituintes morfológicos (radicais e afixos) que integram palavras existentes. O conhecimento dos processos morfológicos de formação de palavras é deduzido a partir do conjunto de palavras que os falantes conhecem.

Esse conhecimento facilita o processamento lexical, podendo auxiliar os processos de leitura e escrita.

1. Formação de palavras

No português **os processos morfológicos de formação de palavras podem fazer uso da concatenação de um afixo e uma base** (radical, tema ou palavra), **ou da concatenação de radicais ou palavras**. Os primeiros são processos de **afixação**. Os segundos são processos de **composição**.

Há dois tipos de **processos de afixação**:

(i) a **derivação**, que dá origem a uma palavra distinta (cf. eucalipt(o) -> eucaliptizar);

(ii) a **modificação**, que altera semanticamente uma palavra já existente (cf. eucalipto -> eucaliptozinho).

A derivação conta apenas com sufixos, distribuindo-se por diferentes subclasses morfossintáticassemânticas (cf. substantivos agentivos deverbais são substantivos derivados de formas verbais e que têm uma natureza agentiva, como treinador).

A modificação conta com vários tipos morfossemânticos de prefixos (cf. prefixos de negação, como *in-*, em incapaz, ou prefixos de repetição, como *re-*, em refazer) e com um tipo de sufixos, os avaliativos, que se subdividem em dois grupos, de acordo com a base a que se associam (cf. *-inho* associa-se a radicais, como em dedinho, e *-zinho* associa-se a palavras, como em ideiazinha).

No domínio da **composição**, há **três tipos** a considerar. A **composição morfológica** consiste na concatenação de um radical a um outro radical (quando nenhum deles ocorre em palavras simples do Português, como em [omn]í[vor]o); ou de um radical de qualquer tipo ao radical de uma palavra simples, derivada ou até composta (cf. [agr]o[turism]o, [toxic]o[dependent]e, [hort]o[[frut]i[cultur]]a).

Os compostos morfológicos podem ter uma estrutura de modificação, em que o primeiro elemento altera o valor semântico do segundo (cf. hidroterapia é um tipo de terapia), ou uma estrutura de coordenação, sendo o significado cumulativamente produzido pelos dois constituintes (cf. luso-francês).

A **composição morfossintática** corresponde à formação de uma palavra a partir de sequências que têm uma natureza sintagmática. Estas estruturas podem corresponder à modificação da primeira palavra (cf. homem-rã é um tipo de homem; mulher-elástico é um tipo de mulher), à coordenação das duas palavras (cf. cão-lobo é um animal resultante do cruzamento de um cão doméstico com um lobo), ou ainda à nominalização de uma predicação verbal (cf. afia-lápis é um instrumento que afia lápis).

A **composição sintática** é um processo de lexicalização de estruturas sintagmáticas que ganharam um significado diferente do significado literal (cf. brincos de princesa não são brincos e não têm nada a ver com qualquer princesa, são o nome de uma flor). Estes compostos não são palavras, são expressões sintáticas.

2. A importância da formação de palavras para o desenvolvimento linguístico e para a aprendizagem da leitura

O conhecimento dos processos de formação de palavras é desenvolvido durante toda a vida dos falantes e passa por fases distintas. Uma dessas fases é **desencadeada pelo domínio da leitura**, que permite expandir de forma muito significativa o conjunto de estímulos a que os falantes têm acesso. Provavelmente, este conhecimento está correlacionado com a aprendizagem de um número de palavras que permita construir uma hipótese sobre as suas propriedades.

Exemplo:

Palavras como falador, jogador, vendedor, sonhador, que as crianças devem conhecer desde cedo, permitem-lhes deduzir que a terminação em -dor ocorre em formas agentivas que controlam o processo referido pela base verbal e aplicar esse conhecimento, quer na interpretação de formas que escutam pela primeira vez (cf. examinador), quer na formação autónoma de palavras que poderão ou não vir a ser sancionadas pelo uso dos falantes (cf. escrevedor vs escritor).

Muito provavelmente, o peso do léxico reconhecido como existente e até lexicografado vai aumentando com o tempo e a escolarização, podendo colocar-se a hipótese de que a geração de palavras nunca ouvidas ou lidas é inversamente proporcional à expansão do conhecimento lexical.

O desenvolvimento do conhecimento dos processos morfológicos não ocorre sempre ao mesmo ritmo.

Exemplo:

A familiarização com os processos de sufixação avaliativa, centrados sobretudo no uso do diminutivo -inho/a (cf. soninho, carinha, aguinha), precede o contacto com os outros

processos de afixação e ambos precedem o conhecimento dos processos de composição. **A compreensão e uso dos diminutivos treina o processamento morfológico e faz pouco uso da lexicalização.**

Nos outros casos de afixação e nos casos de composição, o requisito é exatamente o oposto, ou seja, a aprendizagem e memorização das palavras, uma a uma, assumem um papel central, tanto no conhecimento das palavras como na dedução dos processos morfológicos.

Os contrastes acima referidos sugerem que o papel da consciência dos processos morfológicos de formação de palavras complexos na aprendizagem da leitura é diverso. Considerando que a frequência dos diminutivos no registo escrito é bastante baixa, é provável que esse conhecimento seja pouco relevante para a leitura ou a escrita.

No caso dos restantes processos, **é possível que a relevância do conhecimento dos processos cresça a par da maturação do sistema linguístico dos falantes e que a sua explicitação facilite a resolução de hesitações ortográficas** (cf. substantivos em *-ez*, como *rapidez*. vs adjetivos em *-ês*, como *francês*, ou verbos prefixados por *es-*, como *esvaziar*, vs. substantivos prefixados por *ex-*, como *ex-colega*).

3. A ciência mostra

Diversos trabalhos têm vindo a sugerir que **a consciência morfológica desenvolvida no curso do processo de aquisição e desenvolvimento linguístico pode facilitar o sucesso na aprendizagem e desenvolvimento da leitura e da escrita**. No entanto, a investigação nestes domínios, e sobretudo no que diz respeito ao português, é ainda bastante incipiente.

No campo da investigação sobre processamento de palavras complexas, há trabalhos dedicados a processos de derivação e trabalhos dedicados a processos de modificação, que têm vindo a desenvolver metodologias experimentais com o objetivo de isolar inequivocamente o papel das questões de natureza morfológica, sendo ainda muito necessário garantir um controlo mais rigoroso dos dados linguísticos testados e introduzir melhorias no desenho experimental.

Um dos fatores que deve ser tido em consideração é o da composicionalidade das palavras complexas. Um estudo recente concluiu que as estruturas composicionais (cf. *venen-oso*) têm um custo de processamento menor do que o das estruturas perturbadas por fatores como a alomorfia do sufixo (cf. *venen-oso* vs. *lux-uoso*) ou a alomorfia da base (cf. *areia* vs. *aren-oso*). A composicionalidade parece, portanto, ser um fator facilitador no acesso lexical.

Também não é fácil encontrar dados objetivos que comprovem que o grau de consciência morfológica está diretamente relacionado com o grau de proficiência na escrita, embora essa seja a convicção de muitos investigadores. É, no entanto, possível encontrar estudos que sugerem recursos para a rentabilização do conhecimento dos processos de formação de palavras para o desenvolvimento da proficiência ortográfica.

Leituras Sugeridas

- Moraes, A. G. (1998). Ortografia: ensinar e aprender. Ática.
- Paula, F. V. (2002). Conhecimento metacognitivo de crianças de 3.^a série que apresentam dificuldades na aquisição da leitura. Instituto de Psicologia da Universidade de S. Paulo: Dissertação de Mestrado.
- Viana, F. L., Silva, C. V., Santos, A. S., Vale, A. P, & Ribeiro, I. (2014). Prova de Consciência Morfológica (PCM): Contributos para a sua validação. Calidoscópio, 12(3), 335-344. <https://doi.org/10.4013/cld.2014.123.08>
- Villalva, A. (2008). Morfologia do Português. Universidade Aberta.
- Villalva, A. & Silvestre, J. P. (2015). Introdução ao Estudo do Léxico. Descrição e Análise do Léxico do Português. Editora Vozes.

Ler também

DESENVOLVER – Morfologia e consciência morfológica